

CAPÍTULO 2
**Existências lésbicas em
anos de chumbo**

Janice Aparecida de Souza

Alessandra Sampaio Chacham

Lésbica, não! Entendida, por favor!

O que se produzir – casa habitável ou ruína estéril – será a soma do que pensaram e do que pensamos de nós, do quanto nos amaram e nos amamos, do que nos fizeram pensar que valemos e do que fizemos para confirmar ou mudar isso, esse selo, sinete, essa marca (LUFT, 2004, p. 22).

Este capítulo propõe uma reflexão sobre os desafios e sobre as alternativas encontradas por mulheres oriundas das tradicionais famílias mineiras para a vivência de seus proibidos afetos em plena ditadura civil-militar (1964-1985) na cidade de Belo Horizonte. Não discorrerei diretamente sobre a política sexual ou o aparato repressor, que coibia as sexualidades dissidentes. A esse respeito, muitas pesquisas já foram realizadas e há farto material disponível, principalmente no que tange às homossexualidades masculinas. O que se pretende é conhecer como as mineiras vivenciaram o período na capital mineira em um tempo histórico fortemente marcado pela repressão de liberdades.

O último período de regime ditatorial, no Brasil, durou vinte e um anos, durante os quais a censura, a tortura e a supressão de direitos foram práticas comuns. Foi nesse cenário que um número considerável de lésbicas, hoje idosas, viveu os melhores anos de suas juventudes. Tentaremos algumas aproximações para conhecimento da realidade delas. Afinal, a escassez de estudos sobre as trajetórias de lésbicas mais velhas nos coloca diante de um grupo que ainda está por registrar a sua história.

Para a realização das entrevistas, dois critérios foram adotados: ter mais de sessenta anos e ter frequentado a cena homossexual belo-horizontina no período em tela. Aqui, cabe reconhecer que serão privilegiadas as que dispunham de recursos financeiros para frequentar a vida noturna nos bares e boates para homossexuais de que a cidade dispunha, e aquelas que contornaram a reserva comum às mulheres mais velhas para compartilhar suas histórias, que muitas vezes trazem à tona questões de foro íntimo. De toda forma, pesquisas sempre implicam escolhas, cortes e delimitações. Algo sempre ficará de fora.

Se períodos ditatoriais impõem desafios a todas as pessoas, no caso das lésbicas, eles são ainda mais contundentes. Para se protegerem, tratavam-se como “entendidas”¹ entre seus pares. Dessa forma, diziam da sua orientação sexual, evitando se expor abertamente aos preconceitos e violências vividas à época.

O panfleto transcrito abaixo, além de corroborar a dificuldade dessa geração de mulheres com a palavra lésbica, nos permite ter uma dimensão de como tal dificuldade pode ter se espreado para outros âmbitos da vida delas:

Homossexual. Mas pode me chamar de lésbica. E por que não? Procure em qualquer dicionário e você verá que a palavra lésbica tem, por definição, ‘mulher homossexual’. Alguma ofensa nisso? Nenhuma, mas essa sempre foi usada com o intuito de ferir por uma sociedade

¹ A palavra é dicionarizada, mas não é de uso corrente nas novas gerações. Segundo o pesquisador Luiz Morando (2009), o termo “entendida” surgiu na virada dos anos 1950 para os anos 1960, em momento ainda indefinido.

heterossexual, que não admite que ninguém saia dos padrões que ela considera 'normais e aceitáveis'. Além de não ser nada ofensivo em si, a palavra lésbica tem uma origem muito bonita, que remonta aos tempos da antiga Grécia, à ilha de Lesbos, onde a poetisa Safo viveu e cantou a beleza do amor entre as mulheres. Se você transportar essa palavra para o seu dia-a-dia, ela vai perder gradualmente essa capacidade de ferir, você está desarmando o inimigo. Esse é justamente um dos trabalhos do 'LF', esvaziar a conotação pejorativa, ofensiva, que a palavra lésbica carrega, mostrando que ela não precisa estar necessariamente associada a uma agressão. Grupo de Ação Lésbica-Feminista – Caixa Postal 293-SP (MACRAE, 2018, p. 322).

É curioso perceber que, ainda em dias atuais, a palavra lésbica esteja praticamente ausente do vocabulário das mais velhas. Como já referido, tratavam-se como entendidas, forma largamente utilizada, a partir dos anos 1950, por lésbicas que viviam a sexualidade de maneira velada e clandestina, muitas vezes sob a proteção do armário. Isso colaborava, também, para o que conhecemos como invisibilidade lésbica, nas palavras de Tânia Navarro-Swain (2004, p. 13): “Onde escondem-se e esconderam-se as lésbicas? Em que nicho de obscuridade e silêncio se pode encontrá-las? Não se fala delas por que não existiram? Ou sua existência representa a desestabilização e o caos na ordem ‘natural’ da heterossexualidade dominada pelo masculino?”.

Sobre os possíveis motivos da invisibilidade sobre a qual nos fala Navarro-Swain, Goffman (1988), em obra intitulada *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, oferece-nos algumas possibilidades de entendimento. O autor nos apresenta vários tipos de encobrimento de

estigmas, que podem variar do simples e momentâneo, passando pelo parcial, podendo chegar a um encobrimento total, nos casos em que isso é possível. A perspectiva trazida pelo autor nos ajuda a entender a necessidade do encobrimento da orientação sexual no coletivo de mulheres ouvidas. Embora a referida obra tenha origem no século passado, mantém o vigor e a pertinência para análises atuais, visto que os elementos estigmatizantes apontados encontram-se ainda disseminados na sociedade e ao alcance de todos.

O tempo histórico vivido por essas mulheres impõe o peso de intensas restrições de liberdade. Nesse sentido, parece-nos haver uma escolha deliberada: preferiram não serem vistas a fim de se protegerem de situações embaraçosas e das violências físicas e simbólicas das quais poderiam ser alvo, resultando na sua invisibilidade.

Quando questionada sobre suas atitudes diante das restrições impostas pelo regime ditatorial, Bidu nos conta da sua trajetória e dos grupos com os quais se relacionava:

[...] não eram pessoas engajadas não. Acho que já bastava a luta própria, né[?]. No caso aí, eu acho que desafiar outro tipo de coisa além disso era muito. Até para mim, eu que tinha simpatia por aquela coisa. A Universidade Federal era um antro de resistência, né[?], e o próprio campus era um lugar de resistência de alguma forma. Eu participava de reunião de DA, do DCE. Eu frequentava e tal, mas não me envolvia, assim, no movimento de resistência especificamente não, mas era simpática à causa. Conhecia pessoas e tudo mais, mas não fui uma militante, não fui, de jeito nenhum (Bidu, 65 anos).

É curioso notar que Bidu, mesmo com duas graduações, três pós-graduações, uma carreira bem-sucedida e premiada, tenha dificuldade para nomear o que foi vivido. Ao contrário das paulistas e das cariocas, as lésbicas mineiras entrevistadas passaram ao largo das discussões que vinham sendo realizadas no âmbito do movimento feminista; e do movimento lésbico, mais ainda. Faltam-nos pesquisas que permitam conhecer as nuances que as singularizaram diante das restrições comuns àquelas que vivenciaram o mesmo período histórico.

Nesse contexto, cabe considerar que o movimento feminista no Brasil só foi tomando forma entre os anos 1960-1970. Já o movimento gay, entre o final da década de 1970 e o início dos anos de 1980, articulava, entre outras pautas, a defesa da visibilidade. Segundo Trevisan (1978), referindo-se aos trânsitos do universo homossexual masculino, “quando me perguntam pelo movimento homossexual no Brasil, respondo que ele não existe. Existe é uma movimentação homossexual, da boate para o táxi, do táxi para a sauna”.

Voltando às limitações impostas às lésbicas pela ditadura civil-militar, a “Operação Sapatão”, realizada em 15 de novembro de 1980 na cidade de São Paulo, sob o comando do então delegado José Wilson Richetti, conhecido pela forma violenta de suas ações contra homossexuais, nos oferece um bom exemplo. A “Operação Sapatão” teve como foco os bares da cidade de São Paulo frequentados por lésbicas. Foram invadidos o Ferro’s, Último Tango, Canapé e Cachação, todos na rua Martinho Prado (OLIVEIRA, 2017, p. 16).

No fim, todo mundo teve que pagar. Quanto tivesse. A moça não viu ninguém sendo fichado, mas a polícia ficou com os nomes e os números de todas. Um mês depois da operação, o ambiente na Rua Martinho Prado era desalentador. Bares e boates vazias. Até na rua, pouca circulação. Sinal de que daqui pra frente as lésbicas não teriam sossego nem nos poucos bares “em que são confinadas” (COLAÇO, 2009).

Embora o “confinamento” e o medo da repressão possam ser comuns às lésbicas que viveram dramas semelhantes no mesmo período, nas mais diversas regiões do Brasil, as reservadas mineiras, que viveram na “pacata” cidade de Belo Horizonte e que foram entrevistadas até o momento, evitaram envolvimento político e exposições. Bidu nos conta que, ao ser abordada nas imediações do Mineirão com a sua namorada dentro do carro, foi extorquida. Elas tiveram que entregar o que tinham nas carteiras para se livrar das ameaças. Desde então, ela diz nunca mais ter se exposto assim.

Diferentemente das mineiras, as paulistas criaram a primeira organização lésbica do Brasil, o Grupo Lésbico Feminista (LF), em maio de 1979, responsável pela publicação do boletim *Chanacomchana*, primeira publicação ativista lésbica do país, que se estendeu por 12 edições entre 1981 e 1987. A cidade paulista merece destaque também pela organização e realização do 1º Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO) e o I Encontro Brasileiro de Homossexuais (EBHO), ambos na capital paulista, em 1980. Embora o evento tenha contado com a presença majoritária de gays, o Grupo Lésbico Feminista (LF) esteve presente, pautando discussões sobre as lésbicas, o machismo e o feminismo.

A cidade do Rio de Janeiro também apresenta um cenário distinto do encontrado entre as montanhas mineiras. A vanguardista cidade carioca contou, no final dos anos 1970, com o *Lampião da Esquina*, primeiro jornal gay de alcance nacional com cunho político-ideológico no Brasil. O jornal, além dos propósitos oposicionistas e questionadores da moral vigente, buscava contestar e ressignificar a imagem dos homossexuais, vistos como frívolos, apolíticos e doentes.

Segundo o pesquisador Luiz Morando, em entrevista, na mesma época do *Lampião da Esquina* e do *Chanacomchana*, não havia nada do gênero em Minas Gerais. A revista *Meeting*, datada de março de 1997, foi a primeira publicação e teve apenas um número, seguida pelo jornal *Expressão GLS*, também com apenas um número em novembro de 1997, *Ego BH*, *Young Bee*, *Jornal Rainbow* e o *Informativo Libertos*.

Fora do eixo Rio-São Paulo, encontramos também o Grupo Gay da Bahia, fundado em 1980 para a defesa dos direitos dos homossexuais. Contudo, a entidade, como a maioria das existentes no período retratado, abarcava mais o universo masculino.

Em que pesem as diferenças geográficas ou vinculadas às questões de gênero, as interações sociais carregam suas peculiaridades. Pensando na perspectiva apontada por Simmel (1993, p. 179), as interações sociais “surgem com base em certos impulsos ou em função de certos propósitos”.

Assim sendo, podemos pensar as interações sociais e seus desdobramentos em vínculos construídos não só como

resistência a uma heterossexualidade compulsória, mas também como desdobramento da necessidade de se preservarem de violências físicas e simbólicas, conhecerem seus pares e com elas se relacionarem.

Estudos sobre os movimentos de homossexuais ocorridos nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, mas não só nessas cidades, indicam que, além das pautas identitárias e de resistência, os movimentos funcionavam também como territórios nos quais os homossexuais se conheciam e se relacionavam afetiva e sexualmente, diferentemente do ocorrido em Belo Horizonte.

A pesquisa que venho desenvolvendo no universo feminino sinaliza, até o momento, a falta de engajamento e distanciamento das pautas capitaneadas pelos movimentos homossexuais. Às mineiras, coube uma vida mais reservada, na clandestinidade, e foi nessa condição que elas percorreram caminhos na direção dos guetos já existentes ou na construção de seus espaços privados.

A noite lésbica belo-horizontina foi capitaneada pela trindade Norma Sueli – Many França – Mariinha. Elas foram as pioneiras, abriram bares e boates, que se tornaram redutos de homossexuais na cidade de Belo Horizonte por volta do final dos anos 1960 e início de 1970.

Dentre os disponíveis a essa geração de lésbicas, são citados neste capítulo aqueles que figuram em seus repertórios de casos e lembranças. Até o momento, apareceram o Stage Door (1968), um dos precursores, que funcionava no Teatro

Marília – embora não fosse destinado a gays e lésbicas, era ponto de encontro delas –; outros, como o Aliás, na rua Gonçalves Dias; o Frater, na rua Levindo Lopes; as boates Chez Eux, Marrom Glacê, Plumas e Paetês; a rua Sergipe, espaço conhecido na época como Rua da Lama – todos esses também constam das histórias trazidas por elas. Lamentavelmente, algumas viraram estrelas e levaram consigo muitas histórias, que ficaram por serem contadas.

Entrevistei Many França aos 84 anos, personagem fundamental na cena lésbica belo-horizontina. Ela autorizou explicitamente o uso do seu nome na pesquisa que venho desenvolvendo. Seu primeiro estabelecimento comercial foi o bar Toca, nome um tanto emblemático para um espaço que, naqueles tempos, se apresentava sem pretensões quanto ao público que Many se especializaria em atender. Depois dele teve uma breve sociedade em um bar na Rua da Lama, nome dado ao quarteirão da rua Sergipe, que abrigou vários estabelecimentos destinados ao público atualmente designado como LGBTQI+.² Na sequência, foi gerente da Chez eux, boate de propriedade de Norma Sueli, cujo primeiro endereço foi na rua Platina, no Prado. Depois, ela abriu a boate Marrom Glacê na rua Piumhi; a Plumas e Paetês, que funcionou na avenida Bernardo Monteiro, na avenida Brasil e na avenida Augusto de Lima. Many teve ainda o Rippas Disco Bar na avenida Abílio Machado, a partir do qual foi se distanciando do público homossexual. Ela encerrou a carreira como a começou, com o bar Bequinho no bairro Glória, sem

² A dinâmica sigla atualmente é grafada com as letras LGBTQIAPN+ e designa pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli sexual, Não binárias e mais.

qualquer vinculação com o público que se especializara em atender. Entre as batidas policiais que aconteceram em seus estabelecimentos e algumas passagens pelas delegacias, acabou construindo uma rede de relações. Nas palavras dela:

Eu comecei a fazer amizade com o pessoal do DOPS [Departamento de Ordem Política e Social], mas não tinha tanta vantagem, porque toda festa que tinha lá, tudo que tinha lá eu patrocinava. Era caixa de cerveja pra lá e eu ia também. Ia pra lá e eu patrocinava lá [...] Eu fiquei amiga de todos lá (Many França, 84 anos).

Embora sem muita precisão quanto às datas, o repertório de histórias dessa pioneira mulher no que diz respeito aos espaços que criou para abrigar as lésbicas merecerá um capítulo à parte. Mãe de quatro filhos, ela transitou entre um casamento heterossexual e suas relações homoafetivas.

Em algum lugar do passado, moram histórias, resistências, memórias! Repousam ainda sonhos, dores e lutas. Essas lésbicas, atualmente acima de sessenta anos, precisaram se inventar diante de um desejo incompreendido, e encontrar formas de amar em meio a repressões, violências, opressões e injúrias. Muitas vezes, a sexualidade dessas mulheres vinha à tona antes que elas próprias se dessem conta do desejo. Uma experiência vivida por Bidu nos dá uma dimensão de como isso por vezes acontece.

Tinha uma empregada do meu avô que arrumava lá, cuidava da fazenda, cozinava e tudo. Eu devo ter feito alguma coisa que ela não gostou e eu escutei ela falar:

– Também, esse macho-fêmea...

Entendeu? Isso eu devia ter sete para oito anos de idade, se muito, dez. E eu nunca esqueci essa fala dela (Bidu, 65 anos).

Passados mais de cinquenta anos, a pequeníssima e potente frase ouvida pela criança ainda reverbera na mulher de 65 anos.

A geração de mulheres pesquisada enfrentou muitos desafios. O documentário norte-americano *Secret Love (Secreto e Proibido, 2020)*, dirigido por Chris Bolan, nos dá uma dimensão. O filme relata a jornada de duas mulheres, Pat Henschel e a jogadora profissional de beisebol Terry Donahue – Pat e Terry. São mulheres que se conheceram em 1947 e se apaixonaram em uma época em que a homossexualidade, nos Estados Unidos, além de considerada uma doença, era também um crime. Ignorando a existência da homossexualidade feminina, elas se apaixonaram. O documentário apresenta uma cena na qual Pat, ao se despedir de Terry, entrega-lhe um bilhete: “Eu gosto de ler. Eu li muitas histórias, mas não conheço nenhuma em que uma mulher ame outra” (SECRETO E PROIBIDO, 2020).

Este tocante diálogo sinaliza, além do desconhecimento da lesbianidade, o temor de ser a única em tais condições, a constatação de estar fora do padrão hegemônico de normalidade e a necessidade de viver na invisibilidade, para não ser rotulada de doente ou criminosa.

Estudos sobre processos de estigmatização têm mostrado que ele é inicialmente atribuído pelo exterior, seja individual

ou coletivo; em seguida, internalizado pelos(as) estigmatizados(as), potencializando seu poder de discriminação:

[...] afixar o rótulo de 'valor humano inferior' a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social. Nessa situação, o estigma social imposto pelo grupo mais poderoso costuma penetrar na autoimagem deste último e, com isso, enfraquecê-lo e desarmá-lo. [...] Assim, a exclusão social e a estigmatização dos *outsiders* (estranhos, desviantes) pelo grupo estabelecido eram armas poderosas para que este último preservasse sua identidade e afirmasse sua superioridade, mantendo os outros firmemente em seu lugar (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 24).

Em grupos desviantes, processos de estigmatização e rotulagem são comuns. O desviante é alguém a quem o rótulo foi aplicado com sucesso, e o comportamento desviante é aquele que as pessoas rotulam como tal, o que acarretaria importantes e deletérias consequências para o convívio social e para a autoimagem do indivíduo, situação que pode levar as pessoas a evitarem alianças embaraçosas com a sociedade convencional. De acordo com Goffman (1988), o estigma se dá na relação entre atributo e estereótipo, e mais: "o indivíduo estigmatizado pode descobrir que se sente inseguro em relação à maneira como os normais o identificarão e o receberão, a noção de estigma é compreendida como um atributo que implica desvalorização, inferioridade e situa a pessoa em uma posição de desvantagem" (GOFFMAN, 1988, p. 17). A forma estereotipada e os apelidos com os quais as lésbicas foram e são referenciadas ilustram o que os estudos de Goffman explicitam. Dentre eles, podemos citar:

caminhoneira, fanchona, fancha, lorão, machorra, mulher macho, maria sapatão, chuma, paraíba, machona, tomba homem, sapata, sapatona, sapatão.

Para Becker (2008), aos processos de imposição de rótulos sobre aqueles que são designados como desviantes se seguiriam a aceitação do rótulo e a busca por uma comunidade desviante em que o rótulo se tornaria normal. A comunidade desviante, na qual as mineiras sexagenárias lésbicas pesquisadas se inserem, precisou ser criada e forjada entre as montanhas e os rigores da tradicional família mineira, características que parecem produzir efeito distinto do exercido sobre pessoas que viveram em terras menos conservadoras ou sob a amplitude que o horizonte e o trânsito dos corpos à beira-mar podem proporcionar.

Desejos e identidades veladas, preconceitos explícitos

O ato de discutir e problematizar as homossexualidades nos possibilita pensar sexualidades, práticas e discursos, mas sobretudo nos coloca o desafio de repensar as representações das identidades não binárias presentes na sociedade em geral e, de forma mais particular à que este texto pretende, as identidades lésbicas de mulheres mais velhas. No entendimento de Hall (2015, p. 24), “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Por sua vez, Goffman (1988, p. 80) sugere que “a identidade social de um indivíduo divide o seu mundo de pessoas e lugares”.

De acordo com Bauman (2005, p. 21-22), “a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, um objetivo”. Para o autor, “em nosso mundo fluido, comprometer-se com uma única identidade para toda a vida, ou até menos do que a vida toda, mas por um longo tempo à frente, é um negócio arriscado. As identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter” (BAUMAN, 2005, p. 96). Acredito ser possível perscrutar traços identitários nessa geração de mulheres, pelo menos no período de maior proximidade, efervescência e convivência nos guetos, local de segurança para aquelas que foram estigmatizadas e rotuladas como desviantes.

Há que se levar em conta a questão geracional como agregadora de algumas singularidades e potencial influenciadora do modo como elas se viam, como eram vistas e como foram capazes de encontrar pessoas e lugares possíveis ou inventar os seus lugares seguros e, neles, construírem caminhos para se relacionarem homoeroticamente.

Os laços criados entre elas se ancoram em uma tendência geral de aglutinação que se dá em função de interesses comuns, laços de amizade e afinidades recíprocas.

Nessa geração de mulheres, que viveu a cena homossexual na cidade de Belo Horizonte, a prática de alugar casas e sítios era recorrente. Esta foi uma das estratégias criadas por elas para viverem seus momentos de intimidade livremente.

Além dos frequentes aluguéis de locais para passarem feriados e finais de semana, alguns casais os alugavam por temporadas. Sobre essa estratégia, Bidu nos conta um pouco:

[...] outra prática muito comum era a gente alugar um sítio, por exemplo. Às vezes, a gente fazia até um aluguel permanente, assim, tipo um ano, como se fosse um clubinho, e era um clubinho mesmo. Às vezes, a gente compartilhava aquilo ali com cinquenta pessoas [...], cotizava as despesas mensais e a gente fazia o esquema, quem vai nesse fim de semana, sorteava quem ia poder dormir etc. [...] E ali a gente fazia festas, a gente fazia Réveillon, e era um clubinho mesmo, privé, com tudo o que a gente tinha direito (Bidu, 65 anos).

A convivência nos sítios e em outros guetos gerou uma enormidade de histórias e reconfiguração de casais dentro do próprio grupo, em que as trocas de namoradas eram triviais. O relato colhido de uma delas nos permite conhecer um pouco de suas vivências:

O nosso universo de opções era infinitamente menor que o universo hétero, o risco de buscar novas tribos era grande. Não sabíamos na época qual a chance de encontrar outros amores fora do nosso grupo. Então, acabava com a convivência apaixonando com alguém de alguém (Filda, 63 anos).

Pensar o lugar marginal ocupado pelas lésbicas nos permite compreender a opção pelos guetos, as marcas deixadas pelo estigma e uma parcial e possível explicação quanto aos motivos da invisibilidade delas em uma sociedade fortemente impregnada pela heteronorma. Era comum a essa geração de mulheres uma vida entre o armário e o gueto; neste último,

podiam viver suas relações afetivas e sexuais livres dos rigores impostos pelo regime ditatorial e pela moral vigente.

De acordo com Sedgwick (2007, p. 22), “O armário gay não é uma característica apenas das vidas de pessoas gays. [...] é a característica fundamental da vida social, e há poucas pessoas gays [...], cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora”. Segundo a autora, mesmo entre pessoas assumidamente homossexuais, “há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas” (SEDGWICK, 2007, p. 22).

Para tentar entender a invisibilidade da homossexualidade feminina, é preciso trazer à tona o modelo heteronormativo, que impõe e aceita como única forma de amor legítima a que acontece entre seres humanos de sexos diferentes. Há que se considerar nesse modelo o patriarcado, sistema social de relações de gênero hierarquicamente desiguais entre si, presente em muitos aspectos da vida social, nos quais a mulher se encontra em desvantagem em relação aos homens. Tais padrões de desigualdade são reproduzidos ao longo do tempo no interior das estruturas sociais com conexões causais em diversas áreas (WALBY, 2010). Há que se considerar o peso da heteronorma sobre vidas femininas divergentes do modelo imposto, esperado e desejado na sociedade, com ramificações que se espriam nas relações familiares, escolares, profissionais e existenciais. Dados coletados nas entrevistas apontam para os constrangimentos vividos por essas mulheres quanto a expectativas e cobranças familiares sobre quando se casariam e se teriam filhos. Existir fora dos

preceitos patriarcais para uma mulher heterossexual já exige muito; sendo lésbica, tanto mais. A orientação sexual delas trouxe consequências. Segundo Eribon (2008, p. 30), “todas as pesquisas de opinião feitas junto aos homossexuais – dos dois sexos – atestam que a experiência do insulto – sem falar até da agressão física – é um dos traços mais comum de suas existências”.

No caso das belo-horizontinas ouvidas, elas se uniram e se fecharam para se blindar de preconceitos tão explícitos à época. Orientações sexuais não binárias eram vistas como algo moralmente condenável e ofensivo “à moral e aos bons costumes”. Dentre as mulheres ouvidas, venho perscrutando um conhecido grupo na cena lésbica belo-horizontina chamado Vila Sésamo. O grupo, composto por mulheres muito jovens que frequentavam os bares e as boates disponíveis para homossexuais na cidade de Belo Horizonte, foi se formando nos anos 1970. O apelido recebido tem origem em um programa infantil, que foi ao ar entre os anos 1972-1977. As precoces garotas de outrora ainda mantêm contato em dias atuais. Viveram juntas muitas de suas experiências, criaram alternativas para a vivência de seus desejos e passaram os melhores anos de suas juventudes juntas, tendo a prática de esportes como um importante elemento de coesão. Atualmente, aglutinam-se na Confraria que criaram e sobre a qual discorrerei mais adiante. O relato de Cachinho (65 anos), capitã dos times de futebol congregados no Vila Sésamo, nos ajuda a situar a origem do estigma nelas cravado: “Éramos tratadas como doentes e pervertidas, párias da sociedade. Um horror! A sociedade hipócrita sempre nos tratou com nojo e desrespeito”.

Há chance de que o que foi vivido pelas mulheres ouvidas se espraie para um universo maior de mulheres homossexuais, da mesma geração, que travaram lutas semelhantes em outras regiões do Brasil. Mas, por ora, foquemos no grupo mineiro em tela.

O Vila Sésamo: desdobramentos, vínculos e afetos

Conforme já explicitado, dentro desse universo mais amplo de lésbicas belo-horizontinas, o Vila Sésamo³ chama a atenção. Ele aparece na dissertação de mestrado de autoria de Tamara Carvalho (1995), *Caminhos do desejo: uma abordagem antropológica das relações homoeróticas femininas em Belo Horizonte*, defendida em 1995 na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Muitas das integrantes do Vila Sésamo tinham uma forte relação com a prática de esportes e, inclusive, chegaram a ser vitoriosas, em 1981, no II Torneio Mineiro de Futebol de Salão Feminino.⁴ O que chama a atenção no grupo diz respeito aos persistentes laços de amizade que têm resistido aos anos, reafirmando a importância que as redes de sociabilidade assumem no universo homossexual.

As jovens de antigamente, que compunham o Vila Sésamo, metamorfosearam-se em confreiras sexagenárias ou

3 O programa infantil Vila Sésamo (1972-1977) foi ao ar a partir de uma parceria entre a TV Cultura e a Rede Globo.

4 O Vila Sésamo se organizava em times que adotavam distintos nomes a depender da sua composição ou dos torneios dos quais participavam. A reportagem do jornal *Diário da Tarde*, de 23 de junho de 1981, anuncia que foram campeãs no time que levou o nome Cabeça, uma referência ao bar Cabeça de Touro, de propriedade de uma das jogadoras.

septuagenárias. O esporte continua sendo um elemento central para a coesão do grupo em tempos presentes. Dentre os diferentes grupos de WhatsApp que elas criaram, o que mais congrega participantes é exatamente o que discute futebol. Segundo uma das participantes, “o grupo mais ativo em que a sapataria que eu conheço convive e se organiza é o FroGames das Minas. Ele é totalmente focado no jogo e na festa de premiação” (Bidu, 65 anos).

Mas os temas que as unem extrapolam a área esportiva, como veremos a seguir. Do desejo de reencontrar as amigas que foram ficando pelo caminho, o núcleo mais coeso resolveu promover um baile, mobilizou suas competências e formalizou a criação da Confraria em 2009. O baile contou com a adesão de 205 participantes, conforme registro em seu livro de criação, no qual era oficializada a adesão e foram estabelecidos os critérios para a participação. Para organizar o baile, as confradeiras realizaram encontros mensais, nos quais tomavam as decisões coletivamente e arrecadavam os valores para a realização da festa. Paralelamente a tais encontros organizativos, foram realizadas campanhas solidárias para recebimento de alimentos para doação, livros, agasalhos ou auxílio financeiro para a aquisição de remédios a fim de socorrer alguma amiga.

O baile foi um sucesso e contou com quatro edições: em 2009, 2010, 2011 e 2016. Para a interação em torno do tema, foi criado um grupo virtual no *Yahoo Groups* para a prestação de contas e postagem de fotos das festas. O texto de abertura do livro que registra a criação da Confraria deixa evidente o tom seletivo do grupo. A opção por pagamentos mensais

sinaliza o desejo de tornar o evento acessível a todas. “Os amigos encontrados nos lugares gays substituem as relações familiares, mais ou menos deixadas de lado, assim como as relações no lugar de trabalho, tão difíceis de se estabelecer e de serem mantidas para um gay ou uma lésbica, sobretudo quando procuram esconder o que são” (ERIBON, 2008, p. 51).

A capacidade de mobilização de um grupo tão expressivo tem suas raízes nas relações de amizade criadas na juventude, quando ainda eram Vila Sésamo. Uma característica comum a essas mulheres que se uniram na Confraria é manter vínculos de amizade com a maioria das ex-namoradas, mesmo quando a relação terminava em conflito. Uma delas relatou que “se fosse romper relações por causa das mulheres que namorou de alguém, não seria amiga de ninguém” (Filda, 63 anos). Tais atitudes de tolerância parecem evidenciar a importância de minimizar conflitos e manter vínculos.

A maturidade e os hábitos comuns a essa fase da vida parecem contribuir para a ampliação das relações. Eventualmente, alguns familiares aparecem nas celebrações, o que não ocorria quando elas eram jovens. Contudo, o hábito de uma vida mais reservada ainda se mantém entre elas, característica que se apresenta bastante razoável se analisada à luz dos tempos por elas vividos e das marcas por eles deixadas.

Os bailes que promoveram foi uma estratégia encontrada para continuarem a viver à revelia da heteronorma. Mesmo com a redução da pressão pós-regime civil-militar, ficaram as marcas, os temores e os hábitos comuns a quem carrega um estigma.

Quando jovens, os incipientes encontros aconteciam em quadras para a prática de esportes e em bares. Um deles, de propriedade de uma das confreiras, o Cabeça de Touro⁵ (1978-1979), funcionou em uma garagem na rua João Carlos, no bairro Sagrada Família. Atualmente, a mesma confreira mantém, no mesmo bairro, o bar Cantinho do Baião de Dois. Ambos os espaços foram redutos de muitos encontros e importantes locais de convivência e confraternização entre elas. No Cabeça de Touro, combinavam viagens, férias, novos encontros e gestaram o BregaFest, festival que elas criaram entre os anos 1970 e 1980, ocasião na qual vestiam um traje barango para a época e faziam concurso de músicas e performances, também barangas, cujas melhores eram premiadas. A primeira edição foi realizada no próprio Cabeça de Touro; as edições seguintes migraram para espaços alugados.

As festivas jovens lésbicas envelheceram e seguem celebrando a vida e os encontros. Se os eventos foram muitos na juventude, na maturidade se mantêm ainda com algum vigor, como é o caso do Breja da SAPIência, evento criado em 2011 para comemorar a aposentadoria. Os encontros do Breja são semestrais, acontecem intencionalmente às segundas-feiras à tarde, ocasião na qual o livro de adesão é assinado e a aposentada recebe a “Medalha do Mérito Vagaba”, que conta com três categorias: bronze, para as aposentadas que continuam trabalhando; prata, para as que eventualmente executam algum trabalho; ouro, para as aposentadas plenas. Mantendo a linha seletiva e organizada, peculiar ao grupo, o

5 O nome do estabelecimento foi mantido por se tratar de ambiente comercial já citado por Carvalho (1995).

Breja da SAPIência também tem um livro de adesão com texto de abertura e regras para a participação.

Os inúmeros eventos criados pelas congreiras se apresentam como potentes e criativas estratégias para a vivência de seus afetos, bem como ilustram como a manutenção dos vínculos criados alicerça a longa convivência. As jovens, que compunham o Vila Sésamo, foram capazes de criar tanto espaços abertos o suficiente para permitir a eventual entrada de novas possibilidades de afeto e namoro quanto restritos o bastante para se blindarem das violências comuns às pessoas dissidentes do sistema sexo-gênero, principalmente durante o período ditatorial.

Seguindo o fluxo da vida e das possibilidades trazidas pela contemporaneidade na área tecnológica, atualmente, parte significativa das jovens lésbicas de outrora mantém contato via redes sociais, contatos que se intensificaram nesses espaços devido ao isolamento social em virtude da pandemia de coronavírus, que assola o planeta e que impôs suas restrições na capital mineira desde março de 2020.

Dentre os vários grupos nos quais elas interagem, há no *Facebook* o Vila Sésamo e o Oia a Roupa no Varal. Este último foi assim nomeado em homenagem a uma senha, um código que elas utilizavam quando jovens para alertar as amigas da presença de algum “careta”, outra expressão utilizada para denominar os heterossexuais.

No *WhatsApp*, tem o já citado Vila Sésamo (21 mulheres); o Retiro Dasamiga (10 mulheres); o Vale-Quase-Tudo (19

mulheres); o Toca Azul (11 mulheres e 1 homem gay); o Arena Alvinegra (24 mulheres) e o FroGames das Minas (36 mulheres). A presença de algumas se repete a depender do perfil do grupo.

Em outros tempos, elas celebraram a vida com as amigas; jogaram futebol, handebol e vôlei, truco e pôquer; paqueraram e namoraram pelos bares e boates destinados ao público hoje designado como LGBTQI+ e nos territórios que inventaram para si. À medida que foram envelhecendo, algumas se uniram e vivem em condomínios ou localidades próximas à capital mineira, como Nova Lima e Lagoa Santa.

A ocupação dos espaços disponíveis e a criação de outros espaços mais reservados de sociabilidade parecem ter sido fundamentais para a interação e a afirmação da identidade dessa geração de lésbicas. Era comum às que viviam em Belo Horizonte – várias vieram do interior do Estado – fazer uso de espaços privados que propiciaram também a construção de duradouras relações de amizade.

Para Eribon (2008, p. 51), as redes de amizade são muito importantes para os gays mais velhos, principalmente quando cessam de participar das vidas dos bares e dos lugares de paquera. Para as lésbicas, o quadro não é diferente, principalmente se levarmos em conta a escassez de locais de encontro exclusivo para elas em tempos atuais. Quase não há na cidade bares e boates voltados para lésbicas. As jovens de hoje em dia ocupam a cidade de uma forma mais livre.

No que se refere ao lugar ocupado pelas mais velhas na sociedade nos âmbitos profissional, familiar e social, o desconforto e o constrangimento sempre estiveram presentes. Há que se incluir, ainda, a moral cristã e a heteronormatividade a pesarem sobre as sexualidades não binárias e os temores trazidos pela restrição de liberdades, que acompanhou os 21 anos do regime ditatorial.

Na toada das restrições e pressões comuns à época, Camélia parece ter sido vencida pelo cansaço. Protagonista de uma comovente trajetória, deixou a casa dos pais aos 18 anos no seguinte contexto: um irmão tentando impedir sua saída; outro querendo bater nela; a mãe simulando a própria morte para “sensibilizar” a filha da culpa decorrente dos seus atos; a perda do emprego graças à interferência da mãe; a tentativa de internação, pela sua família, em uma clínica para se curar da homossexualidade. Depois de forte pressão familiar, Camélia se vê coagida pela família a se casar da forma mais convencional possível. Tendo lutado desde os quinze anos para ter seus sentimentos respeitados, resignou-se aos 25 anos à imposição familiar. Casou-se com pompa e circunstância, em 1985, na mais elitista catedral da cidade, a igreja de Lourdes. A família recepcionou 800 convidados no Clube dos Oficiais da Polícia Militar.

Quanto às dificuldades encontradas pelos homossexuais no seio familiar, Goffman (1988, p. 48-49) constatou, em sua pesquisa, que a maioria das pessoas entrevistadas “desejavam ardentemente esconder o homossexualismo de sua família. Mesmo alguns daqueles que procediam em público de maneira bastante aberta, eram bastante cuidadosos no

sentido de evitar que se levantassem suspeitas no círculo familiar”. O que foi vivenciado por Camélia corrobora a pesquisa de Goffman.

Quando perguntada se achava que a ditadura militar teria influenciado o que foi por ela vivido, Camélia afirma categoricamente: “O último que achou, não acharam ele mais, [e prossegue] mas, voltando à minha questão, eu me descobri homossexual aos quinze anos”. Conta ainda que a mãe, católica fervorosa, ao descobrir que ela tinha uma namorada, convidou uma amiga e viajaram as três para Guarapari: “Aí foi doutrina, minha mãe com a amiga dela, 24 horas por dia, isso é uma doença”.

Considerações finais

As reflexões contidas neste capítulo foram tecidas a partir dos relatos colhidos com mulheres oriundas das tradicionais famílias mineiras. Em que pesem as condições familiares e sociais impostas e das marcas que as vivências cravaram em suas existências, elas construíram trajetórias singulares em plena ditadura civil-militar em uma cidade conservadora – Belo Horizonte – em tempos de amplas restrições de liberdades.

Os espaços públicos legaram a elas os constrangimentos; a desejada liberdade ficou restrita aos guetos e espaços privados. Acessar esse singular universo e contornar a reserva comum a essa geração de mulheres mais velhas, principalmente no que tange às questões de foro íntimo, só foi possível devido aos laços de amizade e confiança construídos pela autora ao longo de vinte e cinco anos de conhecimento

do grupo. O desejo de registrar as histórias delas teve início durante o mestrado (SOUZA, 2013). Naquela ocasião, estava interessada em trajetórias escolares. Nesse sentido, foram aplicados cinquenta questionários no grupo das confreiras.

As histórias delas, que sempre circularam na “boca miúda”, começam a ser registradas, com a urgência que o tempo pede, que a todas atravessa e que, por fim, exige.

Por não se exporem, as lutas foram travadas em arenas internas, como no seio familiar e nas angústias íntimas. Desviaram-se da ditadura, pois não foi possível captar no material coletado aproximações, confrontos diretos ou resistências. Ser desviante em anos de chumbo exige táticas e estratégias de sobrevivência. Se, ainda em dias atuais, há riscos para aquelas que se expõem, eles já foram maiores.

Os tempos são outros! Em 2011, foi apreciada e reconhecida, pelo Supremo Tribunal Federal, a constitucionalidade da união estável entre pessoas do mesmo sexo. Este primeiro ato, que se desdobrou em outros avanços na legislação brasileira, chegou tardiamente para a geração de mulheres mais velhas. A elas foram negados vários direitos, dentre eles, o de constituir uma família com todo o aparato legalmente disponível às pessoas que se enquadravam na heteronorma. Muitas estão saindo timidamente do armário para acessar o direito recentemente conquistado e resolver uma importante questão legal.

Em que pesem os desafios enfrentados por essa geração de mulheres, que viveram os melhores anos de suas juventudes

sob a égide de 21 anos de regime civil-militar de forma marginalizada e estigmatizada, dentre as mineiras ouvidas, as que foram capazes de construir e manter os vínculos sociais⁶ contornaram melhor as adversidades.

Bebendo na fonte dos clássicos, Émile Durkheim (1977), em seu célebre estudo sobre o suicídio, demonstra a aplicação do método sociológico e aponta os desdobramentos advindos do rompimento dos vínculos sociais e a importância de sua manutenção para a coesão social.

Os vínculos sociais e afetivos criados quando jovens no Vila Sésamo se mantêm vigorosamente na Confraria, que atualmente as congregam. Juntas, essas mulheres cunharam as estratégias adotadas para a vivência de seus proibidos afetos à revelia das restrições impostas.

Se parece óbvio que passar a vida ao lado de amigas(os) feitas(os) ao longo da caminhada ocupa um lugar importante para o bem-estar de qualquer ser humano em qualquer tempo, menos óbvio é o impacto dessas amizades para um envelhecimento saudável, principalmente, se levarmos em conta que, quando somos jovens, não estamos atentas à importância crucial que tais relações e afetos podem assumir na velhice. As integrantes do Vila Sésamo envelheceram e se metamorfosearam nas confreiras, subdividiram-se e se

6 Um aspecto que tem chamado a atenção no contato com o campo, neste ano pandêmico, se relaciona com os números crescentes de separações, resultado do longo confinamento a que fomos submetidas(os) em função da pandemia. Ao contrário do que tem sido noticiado no campo das relações heterossexuais, os casais de lésbicas com os quais convivemos ou temos contato têm confessado estar mais unidos.

reagruparam de acordo com seus interesses, muitas vezes transversais, e seguem na Confraria se apoiando e celebrando, entre amigas, a vida!

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CARVALHO, Tamara Teixeira de. **Caminhos do desejo: uma abordagem antropológica das relações homoeróticas femininas em Belo Horizonte**. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalle/95727>. Acesso em: 4 nov. 2021.
- COLAÇO, Rita. Operação Sapatao – Richetti. 15 nov. 1980. **Memórias e Histórias das Homossexualidades**, [s. l.], 5 abr. 2009. Disponível em: <https://memoriamhb.blogspot.com/2009/04/operacao-sapatao-richetti-15-nov-1980.html>. Acesso em: 4 nov. 2021.
- DURKHEIM, E. **O suicídio: estudo sociológico**. Tradução de Luz Cary, Margarida Garrido e J. Vasconcelos Esteves. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1977.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- LUFT, Lya. **Perdas e ganhos**. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

- MACRAE, Edward. **A construção da igualdade:** política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”. 2. ed. Salvador: EdUFBA, 2018.
- MORANDO, Luiz. Entre documentos e silêncios: a rede social de homossexuais em Belo Horizonte na década de 1960. **E-COM**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 1-14, 2009. Disponível em: <http://revistas.unibh.br/index.php/ecom/article/view/531/303>. Acesso em: 10 dez. 2020.
- NAVARRO-SWAIN, Tania. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- OLIVEIRA, Luana F. Quem tem medo de sapatão? Resistência lésbica à ditadura civil-militar (1964-1985). **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 7, p. 6-19, maio/out. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/21694/14301>. Acesso em: 11 dez. 2020.
- SECRETO e proibido. Direção de Chris Bolan. Produção executiva: Jason Blum, Jeremy Gold, Alexis Martin Woodall, Marci Wiseman e Mary Lisio. [S. l.]: Netflix, 2020. 1 *stream movie* (82 min).
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2020.
- SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAIS FILHO, E. (org.). **Georg Simmel**. São Paulo: Ática, 1993. p. 165-181.
- SOUZA, Janice Aparecida de. **Estratégias de escolarização de homossexuais com sucesso acadêmico**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-9BWHB3/1/estrategias_de_escolarizacao_de_homossexuais_com_sucesso_academico.pdf. Acesso em: 16 mar. 2021.

TREVISAN, João Silvério. Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Cúri? **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, ano I, n. 0, p. 6, abr. 1978.

WALBY, Sylvia. Patriarcado. *In*: SCOTT, John. **Sociologia: conceitos-chave**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. p. 155-157.